

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

O CARÁTER HEROICO DO SACRIFÍCIO DE ALCESTE

THE HEROIC CHARACTER OF ALCEST'S SACRIFICE

Camila Lacerda Schneider¹

Claudiana Soerensen²

RESUMO: Entre as mais belas tragédias produzidas no período da Grécia antiga estão as peças de Eurípedes, poeta trágico grego altamente reconhecido por suas obras marcantes e inovadoras. Suas tragédias são conhecidas pela forte presença da figura da mulher, não mais como um papel coadjuvante, mas como personagem principal. Percebe-se em uma de suas obras mais aclamadas, *Alceste*, a existência marcante da figura dramática feminina. A obra narra a história do rei Admeto e de sua rainha, Alceste. Admeto, por desejo dos deuses, deve morrer. Contudo, sua esposa se oferece em sacrifício e se dispõe a morrer no lugar de seu amado marido. O objetivo desse trabalho é analisar a figura trágica da mulher na peça euripídiana e o sacrifício de Alceste, bem como explicitar e explicar de que modo uma personagem do sexo feminino é caracterizada como heroína da tragédia. Para isso, contar-se-á com o auxílio de teorias sobre a tragédia e o herói trágico, como as contribuições de Kothe (1987), Touchard (1978), Bornheim (1963), Miranda (1995), Brandão (1985) e Frye (1973), além de prévias publicações sobre o ato de heroísmo de Alceste.

PALAVRAS-CHAVE: *Alceste*; Herói trágico; Tragédia.

ABSTRACT: Among the most beautiful tragedies produced in the period of ancient Greece, we can find the plays of Euripides, an ancient Greek playwright, widely recognized for his outstanding and innovative work. His tragedies are known by the strong presence of the figure of the woman, not as a supporting role, but as the main character. One can recognize in one of his most acclaimed works, *Alcestis*, the existence of the remarkable dramatic figure of the woman. The book tells the story of King Admetus and his queen, Alcestis. Admetus, by desire of the gods, must die. However, his wife offers herself in sacrifice and dies in the place of her beloved husband. The aim of this study is to analyze the tragic figure of the woman in the Euripidean play and the sacrifice of Alcestis, besides exposing and explaining how a female character is described as the heroine of the tragedy. For this, we will count on theories about the tragedy and the tragic hero, as the contributions of Kothe (1987),

¹ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Cascavel. Bolsista CAPES pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/UNIOESTE. E-mail: camischneider90@gmail.com

² Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em História: Sociedade e Cultura Brasileira. Graduada em Letras e História. E-mail: claudianasoerensen@gmail.com

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Touchard (1978), Bornheim (1963), Miranda (1995), Brandão (1985) and Frye (1973), besides previous publications about the act of heroism of Alcestis.

KEY-WORDS: *Alcestis*; Tragic hero; Tragedy.

INTRODUÇÃO

Eurípedes foi um tragediógrafo grego muito reconhecido por suas obras marcantes e inovadoras, sendo que suas peças estão entre as mais belas tragédias produzidas no período da Grécia antiga. Suas tragédias são conhecidas pela forte presença da figura da mulher, não mais como um papel coadjuvante, mas como personagem principal. Talvez tenha sido ele o poeta trágico que mais exaltou o papel das personagens femininas, conferindo-lhes importância e consideração. Percebe-se em uma de suas histórias mais aclamadas, *Alceste*, a existência marcante da figura dramática da mulher. A obra narra a história do rei Admeto e sua rainha, Alceste. Admeto, por desejo dos deuses, deve morrer, contudo, sua esposa se oferece em sacrifício e se dispõe a morrer no lugar do marido amado.

Buscar-se-á neste ensaio propor uma análise da figura trágica da mulher na peça euripídiana e do sacrifício de Alceste, bem como explicitar e explicar de que modo uma personagem do sexo feminino é caracterizada como heroína na tragédia.

O que há de mais expressivo na obra de Eurípedes é a forte paixão de Alceste, que a leva a se oferecer em sacrifício no lugar do esposo. A morte da rainha gera uma forte comoção de todos os súditos do palácio e, de igual forma, do povo de Feras, o que confere à narração um tom mórbido e lastimoso. Isso leva o espectador/leitor da tragédia a ponderar sobre o ato de coragem de Alceste, bem como refletir se ele mesmo teria tal ousadia. Como explicitado por Touchard (1978, p. 12), “o efeito de qualquer obra de arte é mergulhar o homem na meditação”. Logo, nota-se que a peça euripídiana veio a cumprir seu propósito como produção artística, uma vez que conduz o indivíduo a considerar ações antes não pensadas por ele.

Na peça de Eurípedes, essa meditação apontada por Touchard pode recair sobre a coragem do ser, pensando na rainha que enfrenta a morte de modo valente e bravo, e sobre as

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

liberdades conferidas ao rei e à rainha, uma vez que o primeiro pôde escolher outra pessoa para morrer em seu lugar, e a segunda pôde mudar o curso natural da própria vida, morrendo saudável e em plena juventude por escolha própria.

A história da peça comove o espectador/leitor, que se compadece da infelicidade de Alceste e passa a reflexionar se ele também seria capaz de fazer o mesmo, de chegar a tal demonstração de estima pelo ser amado. Pode-se dizer então que

parece ser esse, com efeito, o que abusivamente podemos chamar “o alvo” do teatro: mostrar aos homens até que extremos podem ir seu amor, seu ódio, sua cólera, sua alegria, seu medo, sua crueldade; dar-lhe consciência de suas virtualidades, do que ele seria num mundo sem entraves [...] (TOUCHARD, 1978, p. 15)

Ou seja, se o homem tivesse tamanha liberdade, se vivesse em um mundo no qual tudo fosse possível, até onde sua paixão conseguiria movê-lo? Chegaria ele ao extremo de oferecer a vida em troca do ser amado? Se não fosse subordinado às leis morais da sociedade, faria o homem uso do poder que lhe seria conferido de poder mudar o destino? Se pudesse ele experimentar livremente sua liberdade, faria ele o mesmo que fez a rainha de Feras?

A liberdade sempre foi, pelo homem, atribuída essencialmente aos deuses. Contudo, há uma liberdade significativa nos personagens da obra, mesmo com ambos sendo meros seres humanos, de carne e osso. Aquele que assiste a peça vê nos protagonistas, então, a chance de ser capaz de agir bravamente mesmo sem possuir traços de divindade.

Dessa maneira, nota-se como o teatro trágico leva o espectador a se identificar com aquilo que presencia no palco, despertando nele a sensação de ser capaz de igualar-se aos personagens representados. Assim, sabe-se que é no teatro trágico que as encenações tornam-se mais próximas à realidade de quem as assiste, como não acontecia tão claramente com outros gêneros teatrais. Isso se dá principalmente porque ocorre uma ruptura com o divino. Na tragédia, os deuses não têm uma participação tão ativa quanto tinham anteriormente e, conforme explicita Bornheim,

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

[...] o trágico é possível na obra de arte porque ele é inerente à própria realidade humana, pertence, de um modo precípua, ao real. A partir dessa inerência é que a dimensão trágica se torna possível numa determinada obra de arte. [...] o trágico pertence à esfera dos valores; é preso a um valor que o trágico pode aparecer no real. (BORNHEIM, 1963, p. 72)

Sendo assim, o trágico aborda questões as quais o indivíduo acredita serem possíveis de ocorrer com ele, não sendo mais tudo recaído ao que só é possível às divindades. Ao exemplo da obra de Alceste, o trágico realça a paixão da rainha, fazendo com que os enamorados acreditem que a história de amor representada é passível de se concretizar. Quando apaixonado, o homem crê ser capaz das mais diversas façanhas para defender ou honrar seu amor, e, ao ver retratada essa sua gana na peça, o sujeito passa a relacionar o infeliz destino da rainha com ele mesmo, como se ele também tivesse em si a mesma coragem que teve Alceste. Ocorre, assim, a total imersão do espectador na história.

Eurípedes vem, com suas peças, mudar o cenário do que se fazia no teatro até então. O poeta trágico grego, mais do que seus conterrâneos, começou a deixar de lado as figuras dos deuses, que passaram a não mais fazer parte do elenco principal e a atuar somente como coadjuvantes das histórias representadas. Como bem explicitou Machado (1994, p. 196), Eurípedes “colocou o homem no centro da representação, deixando a figura dos deuses para um segundo plano. [...] O homem começa a procurar apoio dentro de si e não nos deuses”. Assim sendo, se antes o homem buscava nos deuses as forças necessárias para enfrentar suas adversidades, isso não mais ocorreria, uma vez que ele passaria a se reconhecer como suficientemente forte para encarar suas tribulações sem o auxílio das divindades.

Indo além, usufruí-se dos apontamentos de Miranda (1995, p. 5), que traz como contribuição sua visão sobre essa questão, lembrando que nas obras de Eurípedes “não há mais indícios que unam as ações do homem às diretrizes divinas. O homem é o centro absoluto da ordem universal: o destino humano nasce de seus próprios sentimentos e ações”.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

Conforme observado, o sentimento de Alceste é o que move a trama, sendo ela e seu destino que conferem as direções que a tragédia seguirá.

Percebe-se, assim, como o herói passa a ser menos dependente dos deuses, mudança que ocorre propriamente nas obras de Eurípedes. Apesar de a rainha de Feras buscar amparo nos deuses através de orações, pedindo para que eles lhe concedam as forças necessárias para encarar a morte sem medo, as divindades não aparecem de forma direta na peça. Os seres supremos não mais possuem papel relevante no teatro de Eurípedes, andando a narrativa livre e sem interferências significativas no decorrer de seu curso.

Não obstante, percebe-se na *Alceste* de Eurípedes um termo comum existente em quase todas as suas obras, que é o “patético”. O patético é a representação das paixões e emoções violentas, que são postas em evidência em toda a narrativa, sendo exaltadas e representadas em profundidade, despertando tristeza e fortes emoções no espectador. Em *Alceste* pode-se perceber que o “patético” será o sofrimento pelo qual a rainha passa, o qual foi gerado por sua grande paixão e adoração pelo marido. Essa paixão avassaladora é sentida de maneira forte pelo espectador, que consegue notar por meio do sofrimento da protagonista como ela realmente amava o marido.

Além de ser objeto de admiração nos indivíduos que lêem a obra, a efusiva paixão de Alceste, tipicamente feminina, é o que guia a tragédia euripídiana. Talvez seja por isso que, segundo Brandão, Eurípedes valorizou o papel da mulher na peça de teatro. Explica o autor que

[...] a paixão amorosa há de ser a mola-mestra do drama euripídiano. Eis aí o motivo por que o poeta concedeu à mulher o trono de suas tragédias. Basta dizer que das dezessete tragédias euripídianas, que chegaram até nós, doze são nomes femininos e treze têm como protagonista uma mulher. (BRANDÃO, 1985, p. 59)

Brandão expõe, então, o porquê da marcante figura da mulher. Ela seria o agente que, através das fortes paixões, provocaria as mudanças radicais que dão um rumo à toda a história

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

da tragédia. A peça aqui abordada, por exemplo, gira completamente em torno do sacrifício de Alceste, que foi gerado por seu amor incondicional ao marido.

Como já mencionado antes, é possível que Eurípedes tenha sido o tragediógrafo que mais exaltou a personagem feminina em suas histórias. Nas obras do autor também é notável a presença ativa das crianças, recurso utilizado em *Alceste* para assegurar o tom lastimoso da trama, uma vez que os filhos choram a triste e prematura morte da mãe, comovendo, desse modo, a quem assiste à peça.

Torna-se possível analisar que a aparição marcante da mulher se dá com a perda de valor que o coro sofre nas tragédias do poeta grego. A mulher fará, então, o papel que antes era conferido ao coro, como apontado por Brandão:

Diminuindo a importância do Coro, Eurípedes fez que os Coreutas se tornassem porta-vozes do poeta, quando não meros intensificadores das impressões do momento. Isso, naturalmente, explica a importância que Eurípedes atribui à Ama em suas peças; ora ela é ator, ora confidente e, por vezes, até mesmo o inconsciente do protagonista. (BRANDÃO, 1985, p. 59)

Sabe-se que o coro trágico está diretamente ligado às divindades, pois, segundo PAULA JUNIOR (2006, p. 133), o coro era considerado a personificação do deus Dionísio, por ser ele o deus da música. Desse modo, a perda de importância que os deuses tiveram no decorrer das tragédias euripidianas é fundamental para que o tragediógrafo consiga conferir às mulheres o papel desse coro que sofre esvaziamento.

Ou seja, o papel que antes era atribuído essencialmente ao coro, passa a ser conferido à Ama, sendo essa personagem transformada no sujeito responsável pela narração da história. A ama, que antes tinha papel de pouca ou nenhuma importância, começa a explicar o que acontece nas tragédias e o que o espectador deve entender dos fatos que se desencadeiam em sua frente.

Sendo ela uma mulher, fica evidente também como Eurípedes utilizou-se da figura feminina como peça importante em suas histórias. Fatos relevantes para a compreensão de

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

toda a trama são narrados pela Ama, como, por exemplo, os momentos em que se pode perceber o ato de heroísmo de Alceste. Como bem lembrado por Santos, é

da fala da serva que pode-se depreender o código máximo do heroísmo feminino. A glória máxima de Alceste consiste em abandonar a própria vida por seu marido. Nisso nenhuma mulher poderá ser comparada a ela. Sua virtude (aretê) é conhecida por todos. (SANTOS, 1988, p. 111)

Sendo assim, sabe-se que é na fala da serva que está a passagem que mais demonstra o heroísmo da rainha de Feras. Quando a serva reclama do fato de Heracles ter adentrado o castelo e festejado enquanto todos estavam de luto, percebe-se em sua fala grande remorso, uma vez que Alceste era querida por todos e acabou sacrificando-se heroicamente por aquele que amava. O espectador/leitor da obra notará nesse trecho que a serva narra o quão valente foi Alceste e como sua atitude exigiu coragem. Isso confere à personagem da criada uma relevância pertinente, sendo que se ela não existisse para explicar a intensidade dos fatos, não haveria clareza no heroísmo da rainha.

O ato de sacrifício de Alceste confere a ela o caráter de heroína trágica. Por ser da realeza, a protagonista já possui um dos requisitos básicos para ser caracterizada como tal, pois, segundo afirmação de Kothe (1987, p.26), “o clássico herói trágico nunca é um membro do povo ou da camada média. Dentro da filosofia de que, quanto maior a altura, maior também o tombo, ele geralmente está no topo do poder”. O espectador, então, tem pressuposto que Alceste usufrui de um poder maior do que os outros mortais, por ser uma rainha. Ainda, quem assiste à peça acredita que além desse poder no campo da mortalidade, a rainha possui um poder divino. Alceste consegue driblar o destino, produzindo um impacto em tudo aquilo que o público acredita como verdade. Para Kothe,

este dado religioso subjacente à tragédia grega só nos é acessível intelectualmente, mas não como crença imediata: corresponde, contudo, a estruturas psicológicas profundamente arraigadas, levando inclusive à crença de que o detentor do poder possa fazer milagres, mudando inclusive o curso da natureza e da história. (KOTHE, 1987, p. 25)

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Portanto, a audiência crê que Alceste é capaz de dominar não somente os homens, mas também as divindades. A rainha brinca com o destino e cede sua vida no lugar da do marido. Decidiu morrer quando não deveria, quando ainda gozava da juventude plena e, ao olhar de quem acompanha a sua sina, como aponta Kothe, acaba mudando completamente o curso da natureza e da história. Essa fé despertada no espectador de que a realeza pode estar acima até mesmo das divindades vai muito além do teatro grego e serve também como demonstração da mudança de perspectiva que a sociedade Greco-romana, à época da criação de *Alceste*, possuía. Nesta nova concepção, o poder relegado ao humano era maior que anteriormente, de fato, maior que o poder divino. Contudo, esse poder que ultrapassa o paradigma divino era relegado apenas às classes hierárquicas maiores, ou seja, apenas à realeza.

Apesar desse aparente poder sobre o destino e seus caminhos, Alceste passa por um sofrimento penoso ao enfrentar o fato de que deve perder a vida para salvar a do marido. Nesse momento, percebe-se a fraqueza de uma personagem corajosa que, apesar de se declarar preparada para a morte, passa por um momento de desespero e aflição ao se dar conta de que está próxima a encarar seu fado. O espectador nota, então, que apesar de ser detentora de um poder superior ao da maioria dos mortais, a rainha não terá como consolo, nos momentos difíceis, o fato de que governa a todos e a tudo, pois como bem demonstra Kothe,

[...] o personagem trágico, acuado e posto contra a parede, assume e vivencia radicalmente a sua existência, numa dimensão em que a verdade não se restringe e não é redutível ao poder governamental. Tal momento, em que o poder já não é mais tão essencial, representa uma enorme potenciação do poderio artístico. (KOTHE, 1987, p. 28)

Ou seja, seu poder governamental de nada valerá para livrá-la da sorte que, apesar de escolhida por ela, não lhe parece mais o melhor dos caminhos. Alceste enfrenta a verdade de maneira melancólica e lastimável, fazendo com que o espectador passe a refletir sobre como seu ato merece respeito e compaixão, uma vez que não é qualquer pessoa que tem coragem para agir de tão maneira.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

A verdade na tragédia de Alceste é bela, apesar de infeliz. Disse Kothe (1987, p. 29): “[...] a verdade pode ser horrível, como também pode ser encantadora. O horrível pode ser o resplendor da verdade”. Assim, a morte é concomitantemente triste e bela, pois Alceste morre pelo marido, demonstrando assim todo o poder de seu amor e a intensidade de sua paixão. Somando-se ao sacrifício seu amor, ainda pode-se ressaltar o brilho inalterável de morrer na juventude. O trágico torna-se belo aos olhos do espectador que se compraz com o sofrimento da bela rainha que oferta sua vida em lugar de seu marido.

A morte de Alceste auxilia a caracterizar a história de Eurípedes como tragédia, pois, como bem apontado por Kothe (1987, p. 28), “[...] a tragédia é a história dos vencidos”. Admeto e Alceste são vencidos pela morte, não podendo, então, ludibriá-la. Em toda a peça, apesar da compaixão criada no leitor pela construção da trama, não se perde de vista a morte, nem a subjugação. Como elemento principal da peça, a morte é o elemento essencial na construção heróica de Alceste.

Assim sendo, Alceste está sujeita à ordem da natureza: uma vez que se disponibilizou a morrer pelo marido, sua vida foi levada e nada mais se poderia fazer sobre isso. Seu ato é julgado pela sociedade, que a admira por sua coragem e devoção ao amado. Alceste é caracterizada como heroína de caráter elevado, pois, segundo Frye,

se superior em grau aos outros homens, mas não a seu meio natural, o herói é um líder. Tem autoridade, paixões e poderes de expressão muito maiores do que os nossos, mas o que ele faz sujeita-se tanto à crítica social como à ordem da natureza. Esse é o herói do modo imitativo elevado, da maior parte da epopeia e da tragédia. (FRYE, 1973, p. 40)

Segundo Frye Alceste tem, por ser rainha e por possuir em seu íntimo uma paixão maior do que a dos meros mortais, uma autoridade maior do que a de outros homens, que dificilmente seriam capazes de tamanha audácia por devoção ao ser amado. Dificilmente ousariam contrariar as leis da natureza, pois estariam contrariando, assim, os deuses.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

Alceste pode, portanto, ser caracterizada como heroína trágica da peça. O herói trágico, segundo Kothe (1987, p. 26), por fim “[...] descobre que o seu agir foi errado; descobre que não devia ter feito tudo o que fez”. No momento em que Alceste se depara com a morte ela passa a ponderar sobre se seu sacrifício seria correto ou não. A rainha indaga o marido sobre seus pais, sobre o porquê de eles não se disporem a morrer em seu lugar, uma vez que já eram idosos e não mais poderiam se regozijar com a juventude. Alceste vai além e reflete sobre seus filhos e sobre como não mais poderia educá-los e vê-los crescer, lamentando a sorte dos pequenos que não teriam mais a mãe ao lado para orientá-los e guiá-los para uma vida adulta.

Assim sendo, Alceste percebe seu erro trágico. Ela não deveria ter mudado o curso do destino, não deveria ter se oferecido em sacrifício em troca de seu marido que, por desejo dos deuses, deveria morrer. Apesar de não ser má, muito pelo contrário – servos e súditos, além dos familiares, lamentam profundamente a sorte da rainha, pois era ela muito querida entre todos –, Alceste passa por esse sofrimento, caracterizando-se, assim, como heroína trágica. Como explica Brandão,

o herói há de ser, por conseguinte, consoante Aristóteles, o homem que, se caiu no infortúnio, não foi por ser perverso e vil, mas ‘di hamartían tiná’, isto é, ‘por causa de algum erro’. No mito bem estruturado, pois, o herói não deve passar da infelicidade para a felicidade, mas, ao revés, da fortuna para a desdita e isto, não porque seja mau, mas por causa de alguma falta cometida. (BRANDÃO, 1985, p. 14)

Assim sendo, Alceste vai da felicidade plena que vivenciava em seu palácio quando vivia com seu marido, à infelicidade extrema quando encara a morte.

Contudo, bem se sabe que no final da trama, Alceste é resgatada por Heracles, que ludibria a morte, trazendo a rainha de volta para Admeto. Heracles sentiu-se envergonhado ao descobrir que o rei o recebeu em casa mesmo quando passava pelo pesar do luto. Gentil e hospitaleiro, Admeto acolhe em seu palácio o forasteiro que precisava de um leito, mesmo sentindo em seu âmago o desgosto de ter perdido a amada, e remoendo em seu cerne o infortúnio destino de Alceste, que deu a vida em seu lugar. O rei estava sofrendo com tudo o

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

que tinha acontecido, e mesmo assim abriu as portas para Heracles em seu palácio. Por sua alentadora recepção e nobreza, Admeto foi recompensado por Heracles, tendo sua amada trazida de volta.

Desse modo, no final da trama, Alceste volta à vida, graças ao herói Heracles, não podendo, contudo, falar durante três dias e três noites. Em nada isso impediria a rainha de seguir a vida normalmente, seria apenas o tempo necessário para que sua alma se recuperasse do trauma da morte.

Mesmo possuindo um final feliz, a peça de Eurípedes não deixa de ser classificada como tragédia, sendo que

a reviravolta, a passagem da boa à má fortuna, todavia, não implica necessariamente num desfecho *trágico* ou *infeliz* da peça. É bem verdade que para Aristóteles a mais bela das tragédias é aquela em que se passa da felicidade à desdita, mas tal juízo não o impediu de admitir o transe da infelicidade à felicidade. (BRANDÃO, 1985, p. 14 e 15)

A história apresenta-se como situação trágica, pois o trágico não precisa estar necessariamente no fecho da narrativa, mas no corpo da tragédia. Considera-se, por isso mesmo, como tragédia a peça cujo conteúdo é trágico. Não obstante, aparece como característica recorrente da produção poética de Eurípedes a utilização de elementos tragicômicos dentro de suas obras, fato este que deve ser levado em conta, pois não apenas a concepção de mundo e política da época se modificava, como a própria concepção de objeto artístico era revista. Assim, o que se nota é que, de fato, há elementos não comuns à tragédia em *Alceste*, contudo, esta não deve deixar de ser vista como tal, uma vez que o restante dos elementos trágicos, como a queda e ascensão do herói, a agonia sofrida por este, a interferência, em maior ou menor grau, do coro no decorrer da peça, entre outras, fazem-se presentes e possibilitam assim a classificação da obra como uma tragédia.

Sendo assim, o fato de a tragédia ter passado da infelicidade para a felicidade no final da trama não a desclassifica, nem a deixa de ser configurada como tragédia. O sofrimento do

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

rei e da rainha de Feras, bem como o de todos no palácio e no reino, foi de suma relevância durante toda a narrativa para manter o tom trágico e melancólico à obra de Eurípedes. Conclui-se, assim, que *Alceste* está entre as maiores obras do tragediógrafo grego, e que o leitor/espectador da história percebe claramente na peça a figura de uma mulher no papel de heroína trágica, uma recorrência estilística do autor.

REFERÊNCIAS:

BORNHEIM, G.. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1963.

BRANDÃO, J. de S.. *Teatro Grego: tragédia e comédia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

FRYE, N.. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1980.

KOTHE, F. R.. *O Herói*. 2 ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, I. A.. *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1994.

MIRANDA, C. M. A. de.. *Estrutura e função do coro na tragédia grega*. Cadernos de literatura e linguística número 1. Paraná: UFPR, 1995.

PAULA JUNIOR, H. O.. *O papel do coro na tragédia grega em Nietzsche*. Anais do V Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná: Curitiba, 2006. p. 129-138.

SANTOS, F. B. dos.. *Alceste: O heroísmo no sacrifício ou o sacrifício no heroísmo?*. Alfa, São Paulo, 1988. p. 101-118.

TOUCHARD, P.. *Dioniso – apologia do teatro*. São Paulo: Cultrix, 1978.